



COMUNICAÇÃO MADIÁTICA.

ISSN: 2236-8000
v. 19, n. 2, p. 11-30, jul.-dez. 2024

A narrativa investigativa e metajornalismo no podcast de true crime “A mulher da casa abandonada”

Una narrativa de investigación y metaperiodismo en el podcast del verdadero crimen una mujer en la casa abandonada

Investigative narrative and metajournalism in the true crime podcast the woman in the abandoned house

Taiane Cristina de Medeiros SILVA

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Mídia (UFRN)

E-mail: taiane.medeiros@ufrn.br

Kênia MAIA

Doutora em Ciências da Informação e Comunicação
pela Universidade Paul Verlaine-Metz e professora vinculada ao

Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Mídia (UFRN)

E-mail: kenia.maia@ufrn.br

Enviado em: 25 set. 2024

Aceito em: 03 dez. 2024

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a presença do metajornalismo quando aplicado em podcasts narrativos de *true crime*. Para isso, este estudo investigou o primeiro episódio do podcast “A mulher da casa abandonada”, produzido por Chico Felitti para a Folha de S.Paulo, que narra a história de uma mulher reclusa em uma mansão deteriorada em São Paulo. Abordamos o gênero *true crime* em podcasting, com ênfase nas potencialidade imersivas dessa linguagem e na relação de proximidade entre narrador e ouvinte, visto que nosso objeto de estudo possui uma narrativa investigativa em primeira pessoa. Posteriormente, observamos a presença do metajornalismo como uma postura ética-interpretativa ao passo que relacionamos marcas expressivas presentes no podcast que potencialmente guiam o ouvinte para arquétipos folclóricos fictícios fomentando juízos de valor.

Palavras-chave: *Podcasting; true crime; podcasts narrativos; metajornalismo; A mulher da casa abandonada*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender la presencia del metaperiodismo cuando se aplica a podcasts de narrativa sobre crímenes reales. Para ello, este estudio investigó el primer episodio del podcast “A Mulher da Casa Abandona”, producido por Chico Felitti para Folha de S.Paulo, que cuenta la historia de una mujer reclusa en una mansión deteriorada en São Paulo. el género *true crime* en el podcasting, con énfasis en el potencial inmersivo de este lenguaje y la estrecha relación entre narrador y oyente, dado que nuestro objeto de estudio tiene una narrativa investigativa en primera persona. Posteriormente, observamos la presencia del metaperiodismo como una postura ético-interpretativa. Ahora enumeramos marcas expresivas presentes en el podcast que potencialmente guían al oyente a arquetipos populares ficticios, fomentando juicios de valor.

Palabras-clave: *Podcasting; verdadero crimen; podcasts narrativos; metaperiodismo; La mujer en la casa abandonada.*

ABSTRACT

This article aims to understand the presence of metajournalism when applied to narrative true crime podcasts. To this end, this study investigated the first episode of the podcast “A mulher da casa deserto”, produced by Chico Felitti for Folha de S.Paulo, which tells the story of a woman confined in a dilapidated mansion in São Paulo. We address the true crime genre in podcasting, with an emphasis on the immersive potential of this language and the close relationship between narrator and listener, since our object of study has an investigative narrative in the first person. Subsequently, we observe the presence of metajournalism as an ethical-interpretative stance while relating expressive marks present in the podcast that potentially guide the listener to fictional folkloric archetypes, fostering value judgments.

Keywords: *Podcasting; true crime; narrative podcasts; metajournalism; The woman in the abandoned house.*

Introdução

Dentre as diversas utilizações do gênero *true crime* ou crime real, o podcasting proporciona capacidade de imersão auditiva gerando uma relação estreita entre narrador e ouvinte nas produções radiofônicas. O crime é o principal elemento temático (Yardley; Kelly; Robinson-Edwards, 2019) e a narrativa investigativa bem como os bastidores da apuração jornalística são revelados em podcasts deste gênero, abordagem reconhecida como Metajornalismo (Oliveira, 2010; Viana, 2023).

Esta pesquisa busca discutir a presença do metajornalismo no podcast A mulher da casa abandonada, produzido pelo jornalista Chico Felitti para a Folha de S.Paulo e veiculado nas plataformas de streaming, com primeiro episódio disponibilizado no dia 8 de junho de 2022. Essa reportagem em podcasting narra a história de uma mulher que mora reclusa em uma mansão deteriorada entre os prédios de alto padrão no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo e que foi acusada de manter uma pessoa em condições análogas à escravidão. Os quatro primeiros episódios do podcast A mulher da casa abandonada alcançaram, individualmente, a marca de um milhão de downloads (Schneider, 2022).

O objetivo deste estudo é verificar a inserção do metajornalismo no podcast e confrontá-lo com a narrativa investigativa em primeira pessoa associada a um viés subjetivo folclórico. Esse trabalho se desenvolverá da seguinte forma: primeiramente, será abordado o gênero *true crime* no podcasting a partir das potencialidades imersivas dos crimes reais em ambiente sonoro considerando a linguagem radiofônica (Kischinhevsky, 2018; Viana, 2023); apresentaremos o conceito de metajornalismo como uma intervenção ética-interpretativa que vai além da observação dos enunciados como também abarca a própria enunciação (Oliveira, 2016). Partindo do pressuposto que o jornalismo narrativo em podcasting possui uma forte presença do jornalista que anseia uma aproximação com o ouvinte, trataremos a perspectiva dos códigos teleológicos, identificando sua categorização e características que intensificam o pacto de verdade entre jornalista e espectador (Punnett, 2018). Na análise, serão identificadas as marcas narrativas do primeiro episódio do podcast que possui uma perspectiva metajornalística ao passo que relaciona o fato com os elementos folclóricos presentes no podcast (Oliveira, 2016; Punnett, 2018).

Narrativas Reais: o gênero true crime no podcasting

As narrativas de realidade baseadas em crimes têm ocupado espaços nas plataformas e mídias mais tradicionais. Reconhecidas como *true crime*, esses enredos se caracterizam como um “gênero escorregadio” (Yardley et. al., 2019, p. 505) e podem revelar “algo subjetivo” em virtude de possuírem diferentes formas de abordagens nos dispositivos midiáticos (Boling, 2019).

Há uma falta de consenso sobre formato e estilo do *true crime*, mas Yardley et. al. (2019, p. 505) reconhecem que as obras “muitas vezes tomam como ponto de partida um evento de crime real e baseiam o conteúdo subsequente na reconstrução desse crime e na criação de sentido em torno dele” (Yardley et. al., 2019, p. 505, *tradução nossa*), estabelecendo assim, um elo para as produções sobre o tema. Punnett (2018) aponta que faltam estudos sobre o “*true crime*”, pois ainda que a cobertura jornalística e as obras sobre crimes reais possam estar compatíveis, os estudos acadêmicos carecem de uma teorização.

Documental ou ficcional, o *true crime* traz características de subjetividade entre o narrador e o fato narrado e, com isto, abre espaço para o real de cada indivíduo e sua infinidade de versões e testemunhos que são apresentadas no enredo com uma linguagem realista ainda que com o uso de recursos ficcionais, embaralhando assim as distinções marcadas entre o real e a ficção (Fontoura; Helich; Figueiredo, 2023). Esse recurso linguístico já era utilizado na Europa desde o século XVIII por meio de panfletos, os “execution broadsides”, informando detalhes sobre o crime cometido acompanhados de uma lição de moral cuja função era manter um status social (Moreira & Bonafé, 2022; Yardley et. al., 2019), enquanto o *true crime* moderno tem como marco a publicação em 1966 do livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote, que narra o assassinato de uma família americana e abriu possibilidades de escrita sobre narrativas reais, o que fomentaria o aparecimento do “Novo Jornalismo” (Browder, 2010, p. 205). Segundo Jáuregui e Viana (2022, p. 7), desde os seus primeiros movimentos, o *true crime* se posiciona entre contar “uma realidade nua e crua” e buscar o entretenimento com relatos chocantes e, ao cobrir tais crimes, o gênero se aproxima dos métodos de apuração do jornalismo e das técnicas de escrita subjetivas do jornalismo literário.

Ao possibilitar a imersão na narrativa, o podcast é o ambiente ideal para o relato de um *true crime*, pois “o nível de detalhe nas entrevistas, a natureza misteriosa dos cliffhangers fazem com que o ouvinte tenha que esperar até o próximo episódio para saber uma grande novidade no caso, além do sentimento de querer mais” (Traylor, 2019, p. 25, *tradução nossa*).

¹ Os textos em inglês presentes neste estudo foram traduzidos pelas autoras.

Além disso, Traylor (2019) ratifica a capacidade de imersão do podcasting em causar empatia, visto que o ouvinte guiado por uma tendência psicológica, ficaria preocupado consigo mesmo ao escutar um enredo criminal.

É nesta ânsia de saber que o público pode maratonar os programas disponibilizados na plataforma, caso sejam divulgados em sua totalidade, ou aguardar pelo próximo que ainda chegará, tendo a possibilidade de compartilhar sua experiência em relação à história enquanto espera. Lopez, Gambaro e Freire (2023) já observam um fenômeno comparável ao *binge watching*², ato de “maratonar” conteúdos audiovisuais, no consumo de podcasting. Trata-se do *binge listening*, em outras palavras, uma “maratona de escuta” (Lopez et. al, 2023, p. 202).

Os podcasts *true crime* têm a possibilidade ainda de oferecer aos ouvintes uma maior nível de imersão ao veicular sonoras tanto dos réus (sejam eles reclusos ou não) quanto das vítimas e testemunhas, conseguindo uma maior proximidade com o público, colocando-os diretamente em contato com as vozes (Boling, 2019). Jáuregui e Viana (2022) reconhecem a importância de estar atento a outros elementos que contemplam a linguagem radiofônica, afirmando que os elementos sonoros (tom de voz, efeitos, utilização de gravações e ambientação sonora) são como investimento narrativo à produção de verossimilhança e, portanto, à imersão por parte do ouvinte, permitindo que o próprio público possa avaliar as falas e suas entonações e, assim, julgar aspectos como medo, insegurança, convicção ou hesitação dos participantes do fato criminal.

*Spin-off*³ do programa “This American Life” da estação de rádio pública WBEZ, de Chicago (EUA), o podcast Serial é considerado um marco nas produções sobre crimes reais. Além dos episódios do podcast, essa produção também utiliza elementos parassonoros⁴ (Kischinhevsky; Modesto, 2014) que amplificam a experiência de escuta. Sarah Koenig, jornalista e produtora da série, passou cerca de um ano entrevistando os envolvidos no assassinato de Hae Min Lee, inclusive pessoas ligadas a Adnan Syed, acusado e ex-namorado da vítima, que até hoje nega a autoria do crime (Pinheiro; Oliveira & Dantas, 2015). O público tem a possibilidade de acessar o site sobre o podcast, realizar o download dos episódios, ter

² O *binge watching* é definido pelo Dicionário Oxford (2023) como “a prática de assistir a vários episódios de um programa de TV em uma única ocasião, geralmente por meio de DVDs ou *streaming* digital”.

³ No audiovisual entende-se *spin-off* como uma derivação de um produto original, todavia, não com a perspectiva de continuidade, mas de complementação ou desenvolvimento, de outros aspectos de modo mais detalhado (Santos; Pereira, 2018)

⁴ Nos estudos sobre podcasting, os elementos parassonoros se configuram como recursos que servem para uma ampliação da experiência de consumo, tais como: “fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações de sites de emissoras, toda a arquitetura de interação (botões de compartilhar, etiquetar, curtir, espaços para comentários), textos, hiperlinks, perfis de estações ou de comunicadores em serviços de microblogging e sites de relacionamento, aplicativos para web rádio ou podcasting, serviços de rádio social” (Kischinhevsky; Modesto, 2014, p. 19).

acesso a documentos, fotos e atualizações do caso após a veiculação da primeira temporada. A imersão é tão ampliada pela utilização dos elementos parassonoros que os ouvintes, interagindo pela Internet, apresentaram novos possíveis indícios que levaram a um novo suspeito, o ex-presidiário Ronald Lee Moore, que esteve em liberdade pouco antes do assassinato de Lee, em 1999 (Pinheiro et. al., 2015).

No Brasil, o podcast “O Caso Evandro”, do Projeto Humanos, foi fenômeno de alcance com cerca de 9 milhões de downloads e manteve-se bem posicionado em relação aos podcasts mais ouvidos do país. A repercussão originou outros produtos midiáticos: a série audiovisual “O Caso Evandro” e um livro denominado o “O Caso Evandro: Sete acusados, duas polícias, o corpo e uma trama diabólica” de Ivan Mizanzuk (Oliveira, 2022, p. 12). Assim como no fenômeno Serial nos Estados Unidos, no Brasil existia uma parcela significativa de membros de redes sociais discutindo sobre o podcast “O caso Evandro”, no Facebook, por exemplo, foram encontrados “pelo menos 3 grupos privados sobre o podcast criados em 2019 e que variam entre 2 mil e 14 mil participantes” (Oliveira, 2022, p. 12).

Com base neste contexto, tanto produtoras como grandes empresas de comunicação têm investido em narrativas não-ficcionais em podcasting ao desenvolver produtos baseados em crimes reais. Como exemplos podemos citar: o Grupo Record e Correio do Povo com o podcast Bastidores do “Julgamento do Caso Bernardo”; o Grupo Folha com a veiculação da “A mulher da casa abandonada” e o podcast “Ficha Criminal” do Grupo UOL que são produções midiáticas provenientes de conglomerados de comunicação. Já referente à atuação das produtoras de podcast, podemos exemplificar o podcast “Praia de Ossos” e “Crime e Castigo” do coletivo Rádio Novelo.

Nas plataformas streaming, o *true crime* em podcasting tem se mostrado um campo promissor ao considerarmos o fenômeno da cauda longa⁵ apresentado por Anderson (2006), onde há um público mais empoderado mediante as alternativas tecnológicas que consome, produz e motiva conteúdos digitais. É no alcance desses espaços que os podcasts de crimes reais em sua narrativa adotam estratégias de escrita para conquista de ouvintes ao explorarem o uso de recursos dramáticos aliados aos fatos ficcionais.

Esse ambiente imersivo oferecido tanto pela linguagem verbal quanto pelas tecnologias e efeitos de áudio, ampliam a escuta e fomentam o surgimento de novas histórias factuais sobre crimes. Portanto, é possível inferir que o gênero *true crime* encontra no

⁵ A cauda longa é um fenômeno observado por Anderson (2006) que busca atingir vários nichos de consumo, ainda que com baixa procura em cada, ao invés de focar em poucos nichos com alta procura. O nome cauda longa vem dos estudos estatísticos onde, de modo geral, a maior quantidade de dados está concentrada na parte mais baixa e longa do gráfico (Anderson, 2006).

podcasting uma linguagem imersiva que alcança seu público através de estratégias literárias (narrativas) e acústicas (som) associadas às potencialidades das *affordances*⁶ (Lopez et. al., 2023), fomentado então, um terreno fértil para interação dos ouvintes. Mais do que contar uma história criminal, os podcasters “estão construindo uma comunidade ativa e permitindo que o público faça parte da conversa” (Boling, 2019, p. 175, tradução nossa).

As produções narrativas em *true crime* têm em comum o fato de diferenciar-se da grande maioria dos podcasts brasileiros que “seguindo formatos radiofônicos mais populares, baseiam-se predominantemente em debates, comentários e/ou entrevistas, simulando a dinâmica de um programa ao vivo” (Vicente; Soares, 2021, p. 258). Neste caso, a relevância do jornalismo narrativo em podcasting, evidenciada pelo aparecimento de novos enredos criminais já demonstra um interesse e aderência de um nicho específico que aprofunda e resgata histórias mediante a forte presença de um narrador-jornalista como parte presente do acontecimento relatado.

O metajornalismo em evidência em podcasts narrativos

O metajornalismo é uma forma de intervenção que exige uma compreensão do processo jornalístico em si e que nasce de uma mediação crítica-interpretativa do trabalho realizado pelos meios de comunicação. Logo, é resultado das consequências dos efeitos da notícia e da prevenção de uma “absolutização da realidade” (Oliveira, 2004, p. 82), pois o próprio discurso jornalístico é incapaz de totalizar um contexto. Esse estudo compreende essa autorreferencialidade como uma cobertura crítica em relação ao próprio fazer profissional que confronta não somente os enunciados como as circunstâncias da própria enunciação (Oliveira, 2016, p. 39).

Considerando o campo do jornalismo narrativo em podcasting sobre crimes reais, onde existe uma forte apuração, através de uma postura crítica em relação à prática, o jornalista se configura de uma forma mais humanizada e permite que certezas e inseguranças façam parte da história, além de reforçar o discurso de verdade ao relatar e testemunhar fatos e confrontando-os com outras fontes e recursos (Viana, 2023). Nessa modalidade, a descrição é realizada detalhadamente com presença demarcada do repórter que deixa marcas

⁶ As *affordances*, de modo geral, podem ser entendidas como ferramentas ou disposições que indicam ao nosso corpo como devemos utilizá-las de maneira intuitiva e funcional. Nesta pesquisa, o conceito de *affordances* será compreendido na abordagem do psicólogo estadunidense J. J. Gibson (1979) como relações que ocorrem de modo natural e não necessariamente requerem um conhecimento prévio ou precisam ser percebidas para que aconteçam ou simplesmente existam. Essas relações estão presentes tanto na linguagem computacional quanto nos dispositivos materiais que são usados, bem como nas próprias interfaces de interação presentes nas plataformas.

de subjetividade em seu discurso autoral com o uso recorrente da primeira pessoa (Kischinhevsky, 2018, p. 79).

Em suma, as produções *true crime* apresentam estratégias semelhantes como “construção do efeito do real por meio da verossimilhança, do detalhamento dos fatos e da descrição minuciosa” (Viana, 2023, p. 57). A construção do relato sobre o acontecimento perpassa também pelo próprio jornalista que através do discurso adotado revela mais camadas do que está explícito. Por conseguinte, a humanização é uma estratégia adotada para se aproximar do seu público e intensificar a experiência imersiva do relato que fica evidente no meio radiofônico quando os profissionais “valorizam os personagens do cotidiano, suas histórias de vida, retratando aspectos como certezas, medos, conquistas, fracassos, evolução, entre outros” (Viana, 2023, p. 217). No jornalismo, a figura do repórter entra também como um personagem que contribui para o entendimento e aprofundamento dos bastidores, pois serve de ponte entre o público e o acontecimento, carregando em seu discurso “tom impressionista que favoreça essa aproximação” (Sodré & Ferrari, 1986, p. 15).

Em um processo de autorreferencialidade jornalística no podcasting aliado à humanização do relato em primeira pessoa, os repórteres têm adotado uma postura transparente de suas impressões, e então com isso, “o ouvinte pode conhecer mais a fundo o processo de apuração e os bastidores da produção da informação e gravação dos podcasts e, como consequência, compreender porque algumas escolhas são feitas em detrimento de outras durante a produção” (Viana, 2023, p. 219). Vale ressaltar que no jornalismo narrativo em podcasting tanto o repórter quanto o jornalismo se tornam personagem no enredo, sendo o metajornalismo acionado no momento em que é evidenciado também as escolhas editoriais (Viana, 2023). Perdomo e Rodrigues-Rouleau (2021) atestam que esse recurso é uma “estratégia de transparência” que traz autoridade ao que está sendo narrado com o objetivo de influenciar a percepção do ouvinte e confirmar um discurso verossímil. Todavia, expor os bastidores de uma investigação jornalística em podcasts narrativos nos provoca uma discussão necessária sobre a necessidade de o repórter colocar em evidência o próprio fazer da profissão e tornar isso acessível ao público. Neste caso, o metajornalismo precisa ser pensado não somente como uma condição de aproximação com o ouvinte, uma estratégia imersiva, mas como “uma nova condição ética, feita das tensões próprias da experiência” (Oliveira, 2016, p. 39).

É nesta busca pelo efeito da verossimilhança, que o ato de narrar no jornalismo “moraliza” a realidade, esta que vem organizada e é percebida conforme os valores que estão socialmente presentes, demonstrando assim, uma perspectiva ideológica nesse narrar (Leal,

2013, p. 43). Lindgren (2016) já aponta para uma tendência do podcasting de trazer subjetividade narrativa e que, ao associarmos com a prática do jornalismo, segue intrinsecamente relacionada ao modo que o autor experiencia a sociedade e seus princípios. Segundo Viana (2023), o uso da primeira pessoa explícito no jornalismo narrativo em podcast é marcada por preceitos básicos inerentes à profissão tais como: explicação acerca do envolvimento com o fato narrado; compartilhamento de sensações e sentimentos; demonstração das limitações do jornalismo na busca de verdade; retratação de erros e falhas e informações incompletas; e justificativa dos procedimentos de apuração e decisões tomadas na construção do produto.

Essa transparência denota a intenção do jornalista em retomar esses princípios básicos ao passo que estabelece uma relação de confiança com seu público. Todavia, cabe a reflexão sobre até que ponto é possível “perceber o alcance do debate gerado pela implicação dos jornalistas no desenrolar dos acontecimentos, motivados precisamente pelo trabalho de investigação jornalística” (Oliveira, 2010, p. 230).

Caminhos teórico-metodológicos

Segundo Punnett (2018) nenhuma história pode ser contada de forma integralmente correta, portanto, o autor que escreve um enredo *true crime* depende do mundo exterior ao texto e, ainda que possa utilizar de efeitos de dramatização, deve-se ter compromisso fiel com a verdade dos fatos, e logo, o ouvinte ao consumir o gênero também deverá reconhecer que se trata de um produto de origem não-ficcional ainda que se utilizem arranjos narrativos. Esse reconhecimento é estabelecido como um código teleológico, como um pacto implícito em que a narrativa é verdadeira e corresponde a um crime real (Pernisa Júnior; Viana, 2020). Dessa forma, optar por uma escrita com tons ficcionais não necessariamente significa estarmos diante de um enredo falacioso ou completamente irreal.

Saer (2012, p. 321) complementa o pensamento de Punnett (2018) quando ratifica que a ficção não nega uma suposta realidade objetiva, mas que “submerge-se em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma”. As discussões sobre a hierarquia entre realidade e ficção, considerando a primeira como uma verdade puramente objetiva e a segunda, uma expressão duvidosa do subjetivo, conforme Saer (2012, p. 321), é uma mera “fantasia moral”. Esse objetivismo rigoroso é que deve dar provas de sua eficácia sem cair em uma redução simplória, empobrecida e ineficiente de um relato real, pois são os tons ficcionais que realçam a natureza complexa da situação (Saer, 2012). Em histórias de crimes reais, trata-se de um

preocupação pertinente, pois são contextos complexos em que se tem acesso a várias fontes de informação e cenários onde tentar traçar uma realidade extremamente objetiva pode empobrecer o relato e apagar as nuances do acontecimento, essenciais para o público interessado.

O estudo de Punnett (2018) acerca das narrativas sobre crimes reais aponta algumas marcas textuais presentes no enredo que explicitam essa postura ao real, cumprindo o “pacto de verdade” entre autor e público, sendo codificadas como:

Quadro 1: Códigos teleológicos presentes nas narrativas true crime

Código	Descrição
<i>Justiça (JUS)</i>	O autor tem no cerne da sua narrativa a vítima e a busca pela justiça;
<i>Subversão (SUB)</i>	São marcas de novas evidências que tem como proposta a reconsideração da investigação ou das versões oficiais apresentadas;
<i>Cruzada (CRU)</i> ,	Está relacionada aos critérios de justiça e subversão, sendo através desse código que o autor demonstra sua postura editorial e defende transformações sociais;
<i>Geográfica (GEO)</i>	Enfatiza a localidade e realiza uma forte descrição do território onde aconteceu o crime;
<i>Forense (FOR)</i>	Existe a preocupação em oferecer com riqueza de detalhes questões jurídicas e investigativas sobre o caso podendo-se até utilizar expressões de linguagem forense;
<i>Vocativo (VOC)</i>	Posicionamento do autor em relação aos fatos, afastando-se do jornalismo tradicional;
<i>Folclórico (FOL)</i>	São utilizadas de narrativas de instrução, ao propor ensinamentos, lições de moral ou apelos a crenças populares.

Fonte: Punnett (2018), elaborado pelas autoras

O enredo de crimes reais não precisa necessariamente contemplar todos esses códigos, embora, como aponta Punnett (2018), é na observação desses elementos que se torna possível verificar se a produção atende às condições de ser um produto true crime, seja em produtos impressos, digitais, audiovisuais ou sonoros. Compreendendo essa perspectiva, Jáuregui e Viana (2022, p. 42) ainda propõe um oitavo código teleológico, a Análise Psicológica (PSI), ao examinarem os podcasts Modus Operandi (Globoplay) e Assassinos

em Série (Parcast/Spotify), e perceberem que existe também uma construção narrativa com a pretensão de entender as peculiaridades de uma mente criminosa, onde estaria presente um “narrador alienista” que é distinto do narrador com foco na investigação da história, visto que é incorporada uma função de compreender traços de medos, paranoias e demais traços que possam denotar uma inadequação social.

Entretanto, é preciso ir além das suas propriedades puramente textuais para fugir do risco de entendermos apenas um conjunto de técnicas objetivas de pauta, escrita e apuração. Leal (2013, p. 25) entende que, ao nos prendermos à compreensão da narrativa como uma modalidade puramente textual, podemos perder “seu vínculo com as realidades histórico-culturais específicas que dão sentido à sua adoção e uso”. Deve-se assim compreender tanto seus aspectos textuais quanto midiáticos frente à contemporaneidade, principalmente quando lidamos com podcasting. Oliveira, Portela & Vicente (2018, p. 12) reconhecem a importância sonora nos estudos acadêmicos quando asseguram que “os ambientes acústicos definem assim modos de sentir e de fazer comunidade, regulando não apenas a nossa orientação física no espaço, mas também as nossas imagens”, portanto, mais do que estarmos atentos aos discursos se faz necessário incluir em uma postura metajornalística também quais os integrantes sonoros que corroboram à formação de nossas imagens e amplificam a capacidade imersiva mediante a escuta de um podcast true crime.

Compreendendo que a linguagem radiofônica engloba o uso da voz, música, efeitos sonoros e silêncio (Ferraretto, 2014) num processo de “mosaico sonoro” (Silva, 2006, p. 2) que fomenta a imersão e contribui para a credibilidade à informação (Prado, 1989), pode-se inferir que assim como uso dos elementos textuais e orais, os elementos não-verbais entram em uma estética sonora que ampliam as informações repassadas ao ouvinte.

A fim de conferir a presença do metajornalismo no true crime sob uma perspectiva investigativa no jornalismo narrativo em podcasting, este estudo se concentrou em identificar no primeiro episódio do podcast “A mulher da casa abandonada”, marcas verbais que denotam uma apuração em primeira pessoa tensionado com o “uso do eu” (Viana, 2023, p. 318 e 319) correlacionando com os códigos teleológicos Vocativo (VOC), intrinsecamente relacionado ao posicionamento do jornalista, e Folclórico (FOL) que pode ser identificado no discurso autoral e nos elementos sonoros que podem corroborar com uma estética acústica alinhada a uma impressão subjetiva. Para isso, antes, é necessário contextualizar o objeto deste estudo para então adentrarmos em sua respectiva análise.

A mulher da casa abandonada: o caso

O podcast “A mulher da casa abandonada” foi um grande destaque em 2022 pelo alcance de sua repercussão midiática tanto na podosfera brasileira quanto nas demais mídias, como televisão, sites de notícias e redes sociais. Chico Felitti, em parceria com o conglomerado de comunicação Folha de S.Paulo, produz esse podcast com o foco em sanar uma inquietação relacionada a uma mansão de aparência abandonada no bairro de Higienópolis, em São Paulo. A moradora da mansão chama a atenção da vizinhança pela reclusão e do jornalista por uma aparente camada de pomada branca que se destaca pelo rosto. A falta de manutenção da mansão é nítida e torna-se ainda mais díspar em relação uma rua repleta de prédios de alto padrão.

Chico Felitti possui experiência em jornalismo literário e recebeu notoriedade em 2017 pela reportagem “Fofão da Augusta” que, posteriormente derivou o livro “Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor” em 2019. O interesse de Felitti pelos personagens excêntricos é algo que o próprio jornalista revela no podcast “A mulher da casa abandonada”. Desde que tomou a decisão de averiguar a mulher moradora da antiga casa, o jornalista porta um gravador e conforme vai apurando os fatos e conversando com pessoas, as sonoras ficam registradas e tornam-se materiais imprescindíveis para a sensação de imersão no enredo.

Em uma escuta preliminar do podcast, percebe-se a narração em primeira pessoa que enfatiza o relato da sua própria experiência enquanto repórter na apuração sobre a mansão e sua moradora. Os primeiros contatos aconteceram ainda em dezembro de 2021, quando sua atenção orientada à aparência de “Mari” que está vestida com roupas aparentemente gastas e chama atenção por sua intervenção em evitar a derrubada de uma árvore no bairro em que mora. A investigação de Felitti se estende até o fim de maio de 2022 quando consegue uma entrevista com a “Mari”, Margarida Bonetti, moradora da mansão abandonada (Gould; Rocha, 2022).

Durante seis meses de apuração e com uma viagem realizada para os Estados Unidos, o jornalista descobriu a história de uma empregada doméstica negra que sofreu por duas décadas vários tipos de violências de seus empregadores, Margarida e Renê Bonetti. A vítima sofreu exploração com trabalhos excessivos, racismo, violência física e psicológica, negligência e tratamento análogo à escravidão praticado por seus então empregadores enquanto moravam nos Estados Unidos, entre o fim da década 1970 e 1998, quando a vítima

conseguiu fugir. Renê Bonetti foi processado, julgado e condenado pelo crime. Já Margarida voltou para o Brasil e permaneceu abrigada na casa dos seus pais, a atual mansão abandonada em Higienópolis. Durante o processo de julgamento, houve uma repercussão do caso em território estadunidense que resultou na alteração da lei contra o abuso trabalhista de estrangeiros, garantindo direito às férias, plano de saúde e não-deportação enquanto durar o processo judicial.

Ao todo são sete episódios com duração entre 40 e 55 minutos cada, que foram disponibilizados a cada quarta-feira nas principais plataformas de áudio streaming, alcançando aproximadamente um milhão de downloads por episódio (Schneider, 2022) e pautou a grande mídia. O primeiro episódio foi publicado dia 08 de junho de 2022 e manteve-se no topo dos mais ouvidos da plataforma Spotify, um dos serviços de streaming mais populares do mundo (Gould & Rocha, 2022).

A audiência foi tamanha que os efeitos da publicação do podcast atingiram as redes sociais, veículos de mídia como telejornais e sites de notícias, além de uma operação policial com um mandato de invasão à mansão abandonada e resgate dos cachorros por ONG's de proteção animal (Souza, 2022). Pessoas se aglomeravam em frente à casa para fotografar o imóvel, testemunhar a ação e promover lives via redes sociais. No podcast, nota-se um forte investimento em detalhes na descrição dos cenários, dos personagens e inclusive do processo de apuração jornalística, sempre em primeira pessoa. Com isso, cabe uma reflexão sobre quais marcas textuais e sonoras estão presentes no primeiro episódio do podcast denominado “A mulher”.

Episódio 1: A mulher

O primeiro episódio do podcast “A mulher da casa abandonada” é denominado “A mulher”, possui cerca de 40 minutos de duração e tem como foco principal ambientar o ouvinte no cenário em que o jornalista Chico Felitti encontra a até então desconhecida Margarida Bonetti. A descrição textual do episódio 1 na plataforma de streaming Spotify já evoca uma atenção ao sinalizar que a produção se trata de um acontecimento criminal real e já propõe uma atmosfera folclórica (FOL) ao apelar à crença popular no trecho: “Enquanto ela tenta mobilizar vizinhos do bairro Higienópolis, pessoas sussurram que ela é a bruxa que mora na casa abandonada”.

O episódio se inicia com uma descrição minuciosa da Praça Vila Boim e do bairro Higienópolis que, em um período de recesso natalino, não possui grandes movimentações em seus logradouros, porém, a derrubada de uma árvore e uma intervenção de duas mulheres,

chama a atenção de Felitti que se aproxima. Ao conversar com elas, tem seu primeiro contato com Margarida Bonetti, vestida com roupas desgastadas, que tenta incessantemente parar a operação de derrubada. A outra mulher, que não tem seu nome revelado, sussurra para o jornalista que Mari é a moradora da mansão deteriorada próxima de onde estavam. É evidenciado ao longo do episódio que o imóvel já chamava a atenção do jornalista por ser o único do local sem manutenção em meio a vários prédios de alto padrão.

Com um investimento rico na descrição do ambiente, o primeiro episódio da série possui além da narração do jornalista, inclusão de trilhas de suspense, fortes marcações geográficas do local, ambientação com efeitos sonoros que aproximam o ouvinte de uma paisagem urbana e trechos das sonoras captadas e da própria voz do Felitti apurando a situação. É neste episódio que o repórter, através de uma busca na Internet sobre a residência abandonada, encontra um comentário que sugere o segredo de Margarida Bonetti.

Neste primeiro episódio, devido ao detalhamento de descrição no discurso do narrador e aliada ao uso dos elementos da linguagem radiofônica (voz, música, silêncio, ruído e efeitos) para a elaboração de uma estética acústica que aproxime o ouvinte do bairro relatado, temos o código teleológico Geográfico (GEO) bastante marcado. Portanto, o ouvinte consegue reconhecer o bairro, a casa e até mesmo a rua onde está localizada e com isso o pacto de verdade é estabelecido fomentando a confiança entre narrador e ouvinte.

Ressalta-se que para uma obra ser considerada um true crime (Punnett, 2018) os códigos teleológicos devem estar presentes ainda que não em sua totalidade. Para fins de compreensão do papel da apuração jornalística com a subjetividade do jornalista, esta análise se concentrou na identificação do posicionamento do Chico Felitti (Código Vocativo), face aos fatos encontrados, em correlação com apelos às crenças populares em uma tentativa imersiva de guiar a imaginação do ouvinte (Código Folclórico). Podemos observar de forma prática através das seguintes amostras encontradas no Episódio 1: A mulher como está sistematizado na tabela a seguir:

Quadro 2: Sistematização das marcas metajornalísticas tensionadas com os códigos (VOC) e (FOL)

Tempo	Descrição	Código teleológico	Estética acústica
20'22" a 20'50	É bem improvável que você já esteja se perguntando por que eu estava com o gravador ligado na manhã da	Vocativo (VOC).	Trilha sonora de suspense que dá uma pausa

	<p>antevéspera de Natal (...) E tem um motivo pra isso, juro que tem. Porque faz meses que eu já quero conversar com essa mulher. E minha curiosidade nasceu por causa da casa onde essa mulher mora. Uma mansão.</p>		<p>sugerindo mistério antes de anunciar que é uma mansão.</p>
<p>21'19" a 21'56"</p>	<p>E eu...contaminado pelo espírito incorporador de imóveis que paira sobre São Paulo, via a casa abandonada e só pensava em uma coisa: como é que ainda não levantaram um prédio aqui? Quanto será que custa esse terreno? (...) Uma casa abandonada é o maior clichê que existe. É a alegoria mais óbvia de filme de terror. O assassino de psicose mora numa casa abandonada. A bruxa de Blair mora numa casa abandonada. Até a família Adams mora numa casa abandonada.</p>	<p>Vocativo (VOC) Folclórico (FOL)</p>	<p>A trilha de suspense continua ao longo deste trecho em destaque</p>
<p>21'57" a 23'09"</p>	<p>No momento em que eu me mudei pra Higienópolis, inclusive, eu tava lendo sobre uma... casa abandonada. O livro chama As Coisas que Perdemos no Fogo, da Argentina Mariana Henriquez, e tem um conto que se chama Casa de Adela.(...) Eu convidei a dramaturga e atriz Renata Carvalho pra ler um trechinho desse conto.</p>	<p>Vocativo (VOC) Folclórico (FOL)</p>	<p>Trilha sonora tranquila seguida por um trecho de uma sonora que realiza uma breve leitura da obra citada.</p>
<p>23'15" a 23'23"</p>	<p>E eu não vou estragar o fim do conto se eu disser que as crianças entram na casa e que algo de sobrenatural acontece ali. Mas agora vamos voltar para o mundo real.</p>	<p>Vocativo (VOC) Folclórico (FOL)</p>	<p>No fim deste trecho inicia-se mais uma trilha de suspense.</p>
<p>23'54" a 24'15"</p>	<p>E aquela aparência atçou ainda mais a minha curiosidade. (...) Foi daí que eu passei a andar com o gravador e ligá-lo toda vez que cruzava com ela.</p>	<p>Vocativo (VOC) Folclórico (FOL)</p>	<p>Inserção de um trecho de uma gravação do jornalista utilizado para</p>

			apuração, uma anotação sonora.
25’40” a 26’22”	<p>E sabe qual é o arquétipo da mulher culta que mora sozinha numa casa decadente?</p> <p>Inserção Sonora 1: “Ah sim, eu já vi ela assim. Desde que eu sou criança eu vejo ela na rua. O pessoal chama de bruxa, não é ela? Não é essa pessoa?”</p> <p>Inserção de Sonora 2: “Hahaha, uuuuuh! O seriado da TV do Chaves tem a dona Clotilde, que é a bruxa do 71. Nós aqui também temos a bruxa da casa da vizinhança.”</p> <p>Inserção de Sonora 3: “Aquele mulher daquela casa? Aquele mulher é bruxa”.</p>	<p>Vocativo (VOC)</p> <p>Folclórico (FOL)</p>	
34’49” a 35’02”	<p>É a única que resta nessa rua, em que pelo menos outras 20 caíram para dar lugar aos prédios que estão lá hoje. Mas não é só a casa que tem história, não. Eu descubro que a Mulher da Casa Abandonada tem uma história que poderia estar num filme de terror.</p>	<p>Vocativo (VOC)</p> <p>Folclórico (FOL)</p>	A trilha sonora segue em tom de suspense.

Fonte: Elaborado pelas autoras

No Quadro 2, percebe-se que em diversos momentos do enredo, o narrador-jornalista participante da ação expõe suas impressões, valores, posicionamentos em relação ao que será ou não revelado e demarcações que ora revelam os bastidores de apuração jornalística, ora apelam para proposição de crenças que atrelada a uma linguagem próxima do jornalismo literário despertam um imaginário de mistério. Neste primeiro episódio, os códigos geográficos (GEO), Vocativo (VOC) e Folclórico (FOL) foram encontrados em evidência. Inclusive, é recitado o trecho da obra “As Coisas que Perdemos no Fogo”, da argentina Mariana Henriquez, para envolver ainda mais o ouvinte em um clima ficcional.

Nessa busca pelos efeitos de verossimilhança do seu relato, Chico Felitti também se utiliza de arquétipos de ficção utilizando expressões como “bruxa”, “filme de terror” e

“sobrenatural”, por exemplo. Essa busca pela transparência de sua investigação resulta em uma miscelânea ficcional onde infere-se que o receio de empobrecer o relato cause uma descrição sensacionalista do que deveria ser um propósito crítico-interpretativo do próprio fazer jornalístico.

Considerações finais

Contemplando a escrita subjetiva e a preocupação com a investigação forense, ao longo do tempo, as produções sobre crimes reais importaram as características do jornalismo investigativo e literário. Neste estudo, podemos perceber o potencial do jornalismo narrativo em podcasting ao retratar histórias true crime uma vez que possui o áudio, imersivo por natureza capaz de fomentar imagens mentais e causar um efeito de empatia nos ouvintes. Através do contato com uma narrativa em primeira pessoa e uma apuração acessível, pode-se ter acesso a escolhas editoriais ainda que baseada em impressões subjetivas.

O podcast “A mulher da Casa Abandonada” pode ser caracterizado dentro do gênero true crime uma vez que se baseia em uma história de um crime verdadeiro e apresenta elementos que corroboram um pacto de verdade entre jornalista e ouvinte. Na intenção de envolver o público ao descrever suas escolhas e atitudes inerentes à profissão, Felitti também humaniza a si mesmo, Margarida Bonetti e demais entrevistados ao permitir que tenhamos acesso às suas falas sobre si como observador e dos participantes, permitindo que o ouvinte avalie as entonações e sinta-se imerso na investigação. Assim como Mari, a mansão abandonada e as testemunhas, o próprio jornalista que narra a história também se torna parte do enredo.

Além da identificação dos códigos Vocativo (VOC) e Folclórico (FOL) com base no uso da primeira pessoa, foi reconhecido ao longo do episódio “A mulher” trilhas sonoras que remetem ao suspense e estão correlacionadas com um arquétipo de bruxa citado pelo próprio narrador. Abre uma proposta de reflexão sobre como essa transparência dos bastidores pode repercutir além da notícia e impactar a sociedade uma vez que ocorreu uma repercussão midiática e social com o mandado de invasão da mansão abandonada.

Outro ponto é sobre como valores e impressões pessoais podem contribuir para guiar a percepção do ouvinte em um processo imersivo e até que ponto influenciar juízos de valores por parte do público que sejam comprometidos com o factual. O uso do emocional na escrita sobre fatos, culmina em uma antiga discussão sobre o fazer jornalístico, sobre

subjetividade e objetividade, e se de fato, é possível escrever narrativas sobre crimes reais sem estar presente as próprias idiossincrasias de quem as escreve.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. **A Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006

BOLING, K. S. True crime podcasting: Journalism, justice or entertainment?. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, v. 17, n. 2, p. 161-178, 2019.

Browder, L. True Crime. In NICKERSON, C. R. (Org.) **The Cambridge Companion to American Crime Fiction**. 1st edn. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. pp. 121–134.

CAPOTE, T. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. Editora Companhia das Letras, 2003.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, M. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 17, n. 3, 173-180, 2010.

FERRAZ, N.; GAMBARO, D. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, v. 9, n. 1, p. 155-172, 2020.

FONTOURA, M. B. da; HELICH, T.; FIGUEIREDO, V. L. F. de. Os realismos do true crime: estratégias narrativas dos episódios-piloto da série ficcional (HBO) e da série documental (Netflix) *The Staircase*. **RuMoRes**, v. 17, n. 34, p. 77-94, 2023.

GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Houghton Mifflin. 1979.

GOULD, L.; ROCHA, V. Afetos perdidos num lar em ruínas: uma análise do podcast “A Mulher da Casa Abandonada” sob a perspectiva do Jornalismo Sensível. **ECCOM: Educação, Cultura e Comunicação**, v. 14, n. 27, 2023.

LOPEZ, D. C.; GAMBARO, D.; FREIRE, M. Binge listening: dimensões do consumo de áudio em podcasting. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 14, n. 3, p. 199-226, 2023.

LOPEZ, D. C. Novo rádio, velhas narrativas: apropriações estéticas na ficção e no jornalismo sonoros. **Covilhã: LabcomBooks**, 2022.

LOPEZ, D. C. Radiojornalismo e convergência tecnológica: uma proposta de classificação. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2009.

MOREIRA, C.; BONAFÉ, M. **Modus Operandi: guia de true crime**. Editora Intrínseca, 2022.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Mauad Editora Ltda, 2017

KISCHINHEVSKY, M.; MODESTO, C. F. Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 2, p. 12-20, 2014

OLIVEIRA, L. A. C. D. **O uso do storytelling para composição de narrativas no podcasting: um estudo do "Caso Evandro"**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, M.; PORTELA, P.; VICENTE, E. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**: Texturas sonoras - o lado acústico da cultura., v. 5, n. 1. 2018.

OLIVEIRA, M. Metajornalismo do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sur le journalisme**, v. 5, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, M. **Metajornalismo**: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso. Grácio Editor, 2010.

OLIVEIRA, M. Metajornalismo: o ofício que nasceu na sombra da Modernidade. **Comunicação e Sociedade**, v. 5, 75-75, 2004.

PINHEIRO, L. M.; OLIVEIRA, L. A. C. de; DANTAS, J. B. A. Podcast Serial como elemento de composição de narrativas. In: XVII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 38. 2015, Natal, RN. Anais[...] Natal: Intercom, 2015. p. 1-10.

PUNNETT, I. C. **Toward a Theory of True Crime Narratives**: a textual analysis. Routledge. 2018.

SANTOS, A. T.; PEREIRA, S. E. M. O Spin-off como recurso de Narrativa Transmediática na Telenovela Totalmente Demais. In: XX Congresso Brasileiro De Ciências da Comunicação, 2018, Campo Grande, MS. Anais [...] Campo Grande, MS: Intercom, 2018.

SCHNAIDER, A. Podcasts de true crime viram produções audiovisuais e livros. **Meio & Mensagem**. 2022. Disponível em: <https://encr.pw/dEa7U>.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus. 1986.

SOUZA, R. "Casa Abandonada" em Higienópolis: o que se sabe sobre o caso. **CNN Brasil**. 21 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/casa-abandonada-em-higienopolis-o-que-se-sabe-sobre-caso/>

TRAYLOR, C. M. **Serialized killing: usability and user experience in the true crime genre**. 2019. Tese de Doutorado. Ball State University.

VIANA, L.; PERNISA JÚNIOR, C. P. True crime em podcasts narrativos: o uso de formatos complementares ao áudio. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 3, p. 318-339, 2022.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Digitaliza Conteúdo, 2023.

YARDLEY, E.; KELLY, E.; ROBINSON-EDWARDS, S. Forever trapped in the imaginary of late capitalism? The serialized true crime podcast as a wake-up call in times of criminological slumber. **Crime, Media, Culture**, v. 15, n. 3, p. 503-521, 2019.

ZUCULOTO, V. R. M. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Insular, 2012.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS

TAIANE CRISTINA DE MEDEIROS SILVA

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM - UFRN). Integrante do quadro de servidores da Superintendência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8990-1100>

E-mail: taiane.medeiros@ufrn.br

KÊNIA BEATRIZ FERREIRA MAIA

Doutora em Ciências da Informação e Comunicação pela Universidade Paul Verlaine-Metz (França). Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Integrante do Grupo Marginália de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da UFRN.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0753-7340>

E-mail: kenia.maia@ufrn.br